



TRAJETÓRIAS, FORMAS DE CONJUGALIDADE E RELAÇÕES SOCIAIS DE GÊNERO ENTRE CASAIS BINACIONAIS

Maria das Graças Lucena de Medeiros¹

O que se constatou, neste estudo, fruto de minha tese de Doutorado, é a confirmação da uma tendência generalizante a uma busca de novas formas de conjugalidade, já que o modelo de família tradicional – patriarcal e hierarquizante – está cada vez mais incoerente com os outros valores da sociedade, seja em se tratando de manifestações culturais, seja em se tratando de economia e política. Não se trata de, como é comumente chamada, uma simples “crise do casamento contemporâneo”: dados mostram que as pessoas ainda buscam sua felicidade através do casamento, apesar do grande aumento no número de divórcios. Sobre isso, Carvalho Filho², escreve que: “o que constatamos é que os indivíduos têm se divorciado, não por considerarem o casamento menos importante, mas, justamente, porque sua importância é tão grande que eles não aceitam que a vida conjugal não corresponda às suas expectativas”. Com o aumento das separações, crescem também, em número e em diversidade, as novas configurações familiares.

Novas (velhas) formas de conjugalidade

O casamento tem assumido formas novas e variadas, que podem tanto ser vistas como um sinal de falência, ou como uma tentativa de se ultrapassar um modelo que não estaria coerente com as rápidas transformações que acometem o homem contemporâneo.

Nicolaci-da-Costa³ sugere que o processo de transformação social é tão acelerado que muitas vezes “temos a sensação de estarmos à deriva, pois aquilo que conhecíamos como o ‘nosso mundo’ deixou de existir”. A autora coloca que esta sensação é comum a vários processos de transformação em que se inicia um processo de desestabilização dos modos tradicionais de viver. O sujeito perde os seus referenciais e se vê perdido em um excesso de liberdade, desorientado e sem regras claras para seguir.

Parece que estamos vivenciando o intervalo entre a queda de padrões tradicionais e rígidos e a construção de novos modelos de casamento. O que a autora questiona é “se o efêmero, o

¹ Prof^a. Dra. do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, Natal/RN. e-mail: gracamedeiros@digizap.com.br

² CARVALHO FILHO, Benedito José de. *Marcas de Família: travessias no tempo*. São Paulo: Annablume / Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000, p.45 .

³ NICOLACI-DA-COSTA, A. M. Mal-estar na Família: Descontinuidade e Conflito entre Sistemas Simbólicos? In: FIGUEIRA, S. A. (Org). *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p 98.



fragmentário, o descontínuo e o caótico não geram, no indivíduo pós-moderno, os sentimentos de insegurança e de estar à deriva”. Acreditando que sim, e que as transformações sociais repercutem de forma muito direta nos projetos de vida individuais, temos que o sujeito contemporâneo é dominado por uma incerteza, fruto da perda dos referenciais sólidos e da necessidade de buscar novos padrões, aparentemente ainda não construídos. Deste modo, os novos arranjos matrimoniais fazem parte de um contexto social em reorganização (especialmente se pensarmos que a família não é um fato natural, mas sim uma construção cultural).

O casal contemporâneo depara-se com uma série de possibilidades de viver a sua conjugalidade, muitas delas que em nada se aproximam com o que costumamos chamar de casamento tradicional. Goldani,⁴ refere-se, como novos modelos possíveis de se viver a conjugalidade, a casais que decidem viver junto sem legalizar ou oficializar seu relacionamento; casais que vivem em diferentes locais; homens ou mulheres que preferem ter filhos e permanecer solteiros, prática que costuma ser chamada hoje de “produção independente”; casais homossexuais com filhos através da adoção ou da inseminação artificial, para citar alguns dos possíveis arranjos. A mesma autora, reforça que muitas dessas pessoas, que optam por viver estes novos arranjos, costumam chamar seus parceiros de esposo/marido ou esposa/mulher, não só pela ausência de um melhor termo que defina o tipo de relacionamento, mas também pelo preconceito social ainda existente.

Em relação aos recasamentos, há um aspecto que merece ser destacado: os homens têm mais facilidade em encontrar novas parceiras do que as mulheres novos parceiros. É o fenômeno que Berquó⁵ chama de “pirâmide da solidão”: na medida em que envelhecem, as mulheres vêem sua chance de recasar diminuindo. Isto se deve, em parte, à maior estimativa de vida que as mulheres possuem, e, certamente, com maior relevância, ao fato de que os homens costumam se recasar com mulheres bem mais novas, o que é socialmente aceito – já a recíproca não é verdadeira. Assim, o número de homens não casados permanece estável, enquanto o número de mulheres sem nenhum tipo de união aumenta cada vez mais. Outra diferença singular diz respeito à capacidade de reprodução. A mulher, depois da menopausa, já não pode mais engravidar – pelo menos sem intervenções tecnológicas. Já o homem pode continuar reproduzindo até os 50, 60 anos, ou mais. Como coloca Badinter⁶, “vale lembrar que, apesar da probabilidade da morte do pai quando os

⁴ GOLDANI, Ana Maria. *As Famílias no Brasil Contemporâneo e o Mito da Desestruturação*. CADERNOS PAGU. De Trajetórias e Sentimentos, n. 1, Campinas: Ed. Unicamp, 1993. p. 87.

⁵ BERQUÓ, Elza. *A família no século XXI: um enfoque demográfico*. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO. São Paulo, 6(2), p. 1-16, jul./dez., 1989. p. 76

⁶ BADINTER, Elizabeth. *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986. p. 123



filhos ainda são muito pequenos, a capacidade de reprodução em qualquer idade confere uma vantagem existencial e importantíssima aos homens”.

A alteração dos vínculos entre o público e o privado e a reinvenção dos sentimentos e da intimidade amorosa criam um novo lugar para o indivíduo na arquitetura da família e da sociedade em geral. A própria conceitualização do amor que inclui os aspectos sexuais dentro do matrimônio, diferente da seleção do parceiro unicamente por interesses sociais e econômicos, colocando o casamento como meio privilegiado de obter uma posição social. (BOURDIEU)⁷.

Combinar margens de autonomia na esfera familiar cruzando com categorias sociais como classe e gênero pode gerar um olhar específico da atuação dos processos globais de modernização, que não se deram de forma análoga em todos os contextos. Na verdade, a proposta de uma liberdade amorosa, centrada no indivíduo, não quebrou todas as cadeias de homogamia social, a busca pela igualdade de gênero não acabou com a “dominação masculina”, a separação entre família e produção econômica não fez da primeira apenas um lugar expressivo de manifestação de afeto.

Papéis e relação de poder nos casamentos interculturais

No caso dos relacionamentos transnacionais, a relação de poder é desigual e circunscrita por uma soma de categorias como gênero, nacionalidade e mobilidade. Tem-se assim uma mulher brasileira nativa e um homem português imigrante. Entretanto, as relações desiguais são muitas vezes criadas fora da relação a dois, e sentida nas relações sociais mais amplas (família do cônjuge, local de trabalho, instituições, etc.). A própria decisão pessoal de construir um matrimônio parece ser valorizada pela lei, pela sociedade e pelos discursos dominantes no que diz respeito à diferença cultural, limitando o pleno sentido da interculturalidade.

Dessa forma, ao invés da união de dois sujeitos, temos a união de duas nacionalidades. E será que o que motiva essas pessoas a casarem-se reside no fato de possuírem nacionalidades diferentes? E em que medida os discursos dominantes sobre os portugueses e as brasileiras fazem sentido na relação afetiva e sexual?

O fato de se considerar os casamentos transnacionais como uma eventual estratégia hipergâmica – o casamento com um cidadão “europeu” como forma privilegiada de obter uma posição social e um estatuto jurídico – tem restringido as ponderações sobre esse fenômeno, que na realidade se insere num contexto mais amplo de definições de masculinidade e feminilidade, seja

⁷ BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002. p.145



em relação à autonomia, status laboral e dependência econômica e afetiva, como também em relação às opções do mercado matrimonial em que essas pessoas estão circunscritas.

É importante salientar que a diferença, então sublinhada nos casamentos “interculturais”, se inscreve em hierarquias de alteridade que refletirão tanto na relação conjugal como também na definição de papéis de gênero: o homem, imigrante, estrangeiro e a mulher nacional. As expectativas matrimoniais entre homens e mulheres nos casamentos transnacionais têm demonstrado em alguns contextos uma perda da individualização da mulher que pode ser justificada por problemas jurídicos ou institucionais como também pela falta de relações interpessoais (o companheiro passa a ser o único vínculo afetivo), bem como pela dependência econômica. As mulheres sentem-se inseguras, perdendo a autonomia, característica que marcava de alguma forma a sua identidade no contexto do contato. A incorporação de papéis tradicionais femininos dessa forma deve ser levada em consideração, como também as expectativas em relação aos papéis masculinos a serem desempenhados pelos homens estrangeiros.

Kojima⁸ alerta para a possibilidade de construção de um novo sistema global para a divisão reprodutiva e do trabalho. Segundo esse autor, as mulheres nos países industrializados atingiram um nível individual bem-sucedido, libertando-se dos imperativos de se casar e ter filhos, ainda que não tenham conseguido mudar o sistema subjacente do capitalismo e do patriarcado que depende do gênero e do trabalho não remunerado para a reprodução humana e social.

A natureza conceitual, no que diz respeito ao modo de classificar os relacionamentos, estratégias matrimoniais e reprodutivas, renova-se de acordo com a ênfase que se pretende dar ao fenômeno. Os casamentos binacionais não são um modelo recente, mas a globalização, nas suas diversas formas, tem facilitado as reuniões de parceiros de origens diversas. Dois aspectos em particular parecem ser relevantes: o aumento da mobilidade internacional e o intercâmbio cultural internacional. O aumento das viagens e das migrações internacionais pode ser considerado um importante fator que promove o aumento das relações íntimas, mas a utilização de tecnologias como a internet, sem dúvida, contribui para o aumento do fluxo de informações.

O papel dos estereótipos na escolha do cônjuge tem sido explorado por diversos autores (VALE DE ALMEIDA, 1998; SALES, 1999; PEREL, 2002; PIERUCCI, 1990; E ORTIZ, 1994), tanto como forma de incentivo à escolha de um estrangeiro – que envolve as suas definições de gênero e os papéis desempenhados no casamento – como na influência na aceitação social do casamento exogâmico e na reação das autoridades.

⁸ KOJIMA, Yu (2001). *In the business of cultural reproduction: Theoretical implications of the mail-order bride phenomenon*. *Women's Studies International Forum*, vol. 24, p. 199-210.



Turismo afetivo, turismo sexual e as alterações na família

Por outro lado, as profundas alterações sociológicas no domínio da família experimentadas pelas sociedades europeias nas últimas décadas (BERRY BRAZELTON, 1989, SINGLY, 1996; SARACENO E NALDINI, 2003) têm repercutido significativamente na configuração da procura turística, fazendo com que entre os turistas se assista a uma presença crescente daqueles que escapam ao casamento tradicional patriarcal, cujo modelo familiar é formado por pai, mãe, filhos e filhas.

Os turistas jovens do sexo masculino que afluem ao Nordeste brasileiro, muitos deles solteiros ou transitoriamente sem parceira/o sexual, se deslocam frequentemente motivados por um conjunto de representações e expectativas ancoradas em imagens de erotismo e de acesso fácil às práticas sexuais. Considerando que, na economia do turismo, as *commodities* não possuem apenas valor de uso e de troca, mas também um "valor-signo", relacionado com a quantidade e a qualidade da experiência que oferecem, elas são fortemente determinadas pelas imagens, publicidade e consumismo que caracterizam as sociedades modernas (BAUDRILLARD)⁹. Por outras palavras, a procura de sexo por parte dos turistas, que parece constituir uma motivação presente em numerosos europeus que visitam o nordeste brasileiro (PISCITELLI)¹⁰. Durante o dia, muitos turistas aproveitam para recuperar da noite agitada, geralmente marcada por atividade sexual intensa e o consumo em grande quantidade de bebidas alcoólicas, não deixando, todavia, de conviver com as garotas de programa, ora continuando a relação social já estabelecida, ora aproveitando para estabelecer novos contatos.

Estes são realizados quase sempre por iniciativa das jovens nativas, algumas provenientes de outros estados brasileiros, como Paraíba, Ceará, Pernambuco, os mais próximos, ou Maranhão, Pará e Amazonas, os mais distantes. Por norma, a exposição para o turista e a interpelação que se segue é feita de forma mais ou menos sutil: através da postura corporal, do olhar, do sorriso, da solicitação de um cigarro. Como nota Piscitelli¹¹, estas "[...] aproximações adquirem características de uma paquera [...] remetendo a padrões tradicionais de cortejo".

¹⁰ PISCITELLI, Adriana. Entre a Praia de Iracema e a União Européia: Turismo sexual internacional exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo. In: SILVA, Maria Cardeira da (Org.). *Outros trópicos: novos destinos turísticos, novos terrenos da antropologia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004. RIBEIRO e migração feminina. Campinas: UNICAMP, 2002.

¹¹ _____. *Sexualidade tropical em contextos de Primeiro Mundo*. Migração de Brasileiras para a Itália no contexto da Transnacionalização do mercado sexual. Campinas: UNICAMP, 2003.



Os turistas que frequentam a praia de Ponta Negra à procura de aventuras sexuais evidenciam uma considerável diversidade no que diz respeito aos seus países de origem, idades, profissões, motivações, perfis de masculinidade e estrato social, entre outros aspectos. Não há, portanto, um turista típico no quadro do chamado turismo sexual, como por vezes se sugere, quando se diz que os turistas que vêm à procura de sexo são indivíduos sexualmente perturbados. Embora seja inadequado falar-se de um perfil-tipo de turista sexual, existem determinados elementos caracterizadores que sobressaem. Tem-se, assim, o predomínio de turistas de nacionalidade portuguesa, espanhola e italiana, normalmente viajando em grupo (3 a 6 elementos). Ainda que se encontrem as mais diversas posições de classe, há uma certa preponderância dos indivíduos das classes populares (trabalhadores fabris) e, sobretudo, dos diversos segmentos das classes médias urbanas (empregados do comércio e dos serviços, funcionários públicos, técnicos). São, de um modo geral, homens insatisfeitos com as relações de gênero nos seus contextos de origem, quase sempre motivados pelas representações sociais dominantes sobre a sexualidade da "mulher brasileira", em boa medida amplificadas pelos discursos midiáticos de impacto global e pelas narrativas dos amigos e conhecidos que se envolveram em experiências sexuais com brasileiras em viagens turísticas ao Brasil.

Os entrevistados tendem a estabelecer uma diferenciação bastante vincada entre as mulheres brasileiras e as europeias. Referem-se às brasileiras como mulheres sexualmente mais quentes e disponíveis para um relacionamento aberto na fase de namoro em favor de uma interação sexual mais imediata e intensa, ainda que não se possa afirmar que a dimensão afetiva não esteja presente. Alguns deles dizem que as europeias são mais frias, mais conservadoras, mais altivas, mais esnobes, sublinhando, sobretudo os italianos, que elas ligam muito à aparência e à capacidade econômica do homem. Apesar desta avaliação desfavorável à europeia, também constatada por Piscitelli¹², entre os turistas que visitam Fortaleza, são muitos os que admitem preferir casar com uma mulher do seu país em detrimento de uma brasileira, por razões que certamente se prendem com aspectos relacionados com a afinidade cultural e, eventualmente, com os estereótipos da mulher brasileira como sexualmente libertina e promíscua.

A maior dificuldade de acesso às mulheres que os turistas gostariam de conquistar nos seus contextos de origem, seja por motivos econômicos, de status ou de apresentação do eu, e o relativo constrangimento em conviver com uma feminilidade ocidental que continua a colocar algumas

¹²PISCITELLI, Adriana. *Sexualidade tropical em contextos de Primeiro Mundo*. Migração de Brasileiras para a Itália no contexto da Transnacionalização do mercado sexual. Campinas: UNICAMP, 2003.



limitações às preferências e valores predominantes da masculinidade, são dois elementos centrais a considerar para compreender o fenômeno do turismo sexual. (O'CONNELL-DAVIDSON, 1995)¹³.

A estes elementos junta-se um terceiro, especialmente válido para os turistas mais velhos, relacionado com expectativas de reviver experiências de homosociabilidade da juventude, ou seja, a procura da recriação dos laços e das vivências masculinas que antecedem a rotina e as responsabilidades da vida adulta. (HEILBORN, 1995)¹⁴.

Para Girona¹⁵, na produção socioantropológica o turismo sexual é considerado uma expressão das desigualdades que permeiam a “nova ordem global”. Nesse debate há uma convergência em considerar que o turismo sexual outorga visibilidade às relações entre Norte e Sul, entre privilégios e opressões, pondo em evidência o papel da supremacia masculina. Entende-se, aqui, porém, que o turismo sexual apresenta aspectos intrigantes em termos de gênero, particularmente no que se refere à articulação entre gênero e sexualidade, quando se levam em conta as alterações na geografia dessa problemática.

E o que mais despertou a atenção nas entrevistas realizadas em pesquisa de campo foi a quantidade de estrangeiros que, ao viajar, não tinham como objetivo o turismo sexual, nem somente o convencional turismo de lazer, mas sim, o que se denominou de “turismo afetivo”. Ou seja, buscar em outra cultura um relacionamento afetivo conjugal. Pode-se constatar que os motivos desse último, mesmo que não conscientes a princípio, era o de constituir família, de encontrar alguém que correspondesse ao “ideal” de casamento vivido pelos seus pais e avós. O casamento liberal, de igual para igual, não os estava satisfazendo. Mesmo não sendo um segmento de turismo, o “turismo afetivo” é uma ação frequente, mesmo que inconsciente, nos turistas que buscam um relacionamento estável em seu período de férias e também em suas viagens seguidas para o mesmo destino, ao longo dos anos, até a decisão de migrar para Natal.

Bibliografia

BADINTER, Elizabeth. *Um é o outro: relações entre homens e mulheres*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

¹³O'CONNELL-DAVIDSON, Julia. British sex tourists in Thailand. In: MAYNARD, M.; PURVIS, J. (Org). (Hetero) sexual politics. Londres: Taylor & Francis, 1995.

¹⁴ HEILBORN, Maria Luiza. “O que faz um Casal, Casal? Conjugabilidade, Igualitarismo e Identidade Sexual em Camadas Médias Urbanas”. In: *Famílias em Processos Contemporâneos: Inovações Culturais na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Loyola,

¹⁵ GIRONA, Jordi. *Amor importado, migrantes por amor: La constitución de parejas entre españoles y mujeres de América latina y de Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España*, Proyectos de Investigación Científica y Desarrollo Tecnológico, 2007.



- BERQUÓ, Elza. *A família no século XXI: um enfoque demográfico*. REVISTA BRASILEIRA DE ESTUDOS DE POPULAÇÃO. São Paulo, 6(2), p. 1-16, jul./dez., 1989.
- BERRY-BRAZELTON. T. *La famille em crise*, Paris: Stock, 1989.
- BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2002.
- CARVALHO FILHO, Benedito José de. *Marcas de Família: travessias no tempo*. São Paulo: Annablume / Fortaleza: Secretaria da Cultura e Desporto do Governo do Estado do Ceará, 2000.
- GIRONA, Jordi. *Amor importado, migrantes por amor: La constitución de parejas entre españoles y mujeres de América latina y de Europa del Este en el marco de la transformación actual del sistema de género en España*", Proyectos de Investigación Científica y Desarrollo Tecnológico, 2007.
- GOLDANI, Ana Maria. *As Famílias no Brasil Contemporâneo e o Mito da Desestruturação*. CADERNOS PAGU. De Trajetórias e Sentimentos, n. 1, Campinas: Ed. Unicamp, 1993.
- GOLDENBERG, M. *Ser homem, ser mulher: Dentro e fora do Casamento*. Rio de Janeiro: Estudos Antropológicos / Revan, 1991.
- HEILBORN, Maria Luiza. "O que faz um Casal, Casal? Conjugabilidade, Igualitarismo e Identidade Sexual em Camadas Médias Urbanas". In: *Famílias em Processos Contemporâneos: Inovações Culturais na Sociedade Brasileira*. São Paulo: Loyola,
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. *Censo demográfico 2000*. Rio de Janeiro: IBGE, 2002.
- JABLONSKI, Bernardo. *A Difícil Extinção do Boçalossauro*. In NOLASCO, S. (Org.). *A Desconstrução do Masculino*. Rio de Janeiro: Rocco, 1995.
- KOJIMA, Yu (2001). *In the business of cultural reproduction: Theoretical implications of the mail-order bride phenomenon*. Women's Studies International Forum, vol. 24, p. 199-210.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. *Mal-estar na Família: Descontinuidade e Conflito entre Sistemas Simbólicos?* In: FIGUEIRA, S. A. (Org.). *Cultura da Psicanálise*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- O'CONNELL-DAVIDSON, Julia. *British sex tourists in Thailand*. In: MAYNARD, M.; PURVIS, J. (Org.). *(Hetero) sexual politics*. Londres: Taylor & Francis, 1995.
- PIERUCCI, Antonio Filho. *Ciladas da Diferença*. REVISTA DE SOCIOLOGIA DA USP, Tempo Social, 2º sem. 1990.
- PISCITELLI, Adriana. *Entre a Praia de Iracema e a União Européia: Turismo sexual internacional exotismo e autenticidade: relatos de viajantes à procura de sexo*. In: SILVA, Maria Cardeira da (Org.). *Outros trópicos: novos destinos turísticos, novos terrenos da antropologia*. Lisboa: Livros Horizonte, 2004. RIBEIRO e migração feminina. Campinas: UNICAMP, 2002.
- _____. *Sexualidade tropical em contextos de Primeiro Mundo*. Migração de Brasileiras para a Itália no contexto da Transnacionalização do mercado sexual. Campinas: UNICAMP, 2003.
- SALES, Teresa. *Brasileiros longe de casa*. São Paulo: Cortez, 1999.



VAISTMAN, Jeni. *Flexíveis e Plurais: Identidade, Casamento e Família em Circunstâncias Pós-Modernas*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

ZAMBERLAM, Cristina de Oliveira. *Os novos paradigmas da família contemporânea: uma perspectiva interdisciplinar*. Rio de Janeiro: Renovar, 2001.